

*A função dos exórdios
na retórica e
historiografia clássicas*

MARCO TÚLIO CÍCERO
CORNÉLIO NEPOS
SALÚSTIO CRISPO

2ª. Edição Revista, 2023

RENATO AMBROSIO

De
Rationibus
Exordiendi



Copyright © 2023 Editora Madamu
1ª edição 2005, Humanitas
2ª edição 2023, Madamu

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

A Editora Madamu se esforça para garantir a qualidade de suas obras. Caso encontre algum erro, pedimos a gentileza de nos informar pelo e-mail leitor@madamu.com.br

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

A496d Ambrosio, Renato (1958-)

De Rationibus Exordiendi - A função dos exórdios na retórica e historiografia clássicas / Renato Ambrosio. - 2ª. ed. revista. - São Paulo: Editora Madamu, 2023.

196 p., 14 x 21cm
ISBN 978-65-86224-33-7

1. Retórica. 2. Historiografia. 3. Roma (Itália) - história.
4. Literatura latina. I. Título.

CDD: 808

Índice para catálogo sistemático:

1. Retórica. 2. Historiografia. 3. Roma (Itália) - história.
4. Literatura latina. I. Título.

808

AD MAIORES

AD SOCIOS

AD FLAVIAM

Agradecimentos

HOC TIBI QVOD POTVI

Catulo, 68, v.151.

Eu gostaria de agradecer às pessoas que me formaram e que me incentivaram, do Luciano Maia aos cursos de Pós-graduação em Letras Clássicas e Vernáculas na Universidade de São Paulo. Em especial à Prof^a. Dr^a. Angélica Chiappetta, minha orientadora, a quem devem ser tributados os méritos deste trabalho, e ao Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto que sugeriu o tema.

Agradeço também às amigas que me ajudaram com sua veloz, gentil e aguda leitura (e revisão) de boa parte do texto. A CAPES, que me concedeu precioso auxílio para a realização desta pesquisa. A Rosana, pela paciência.

Sumário

EXÓRDIO	10
I Cícero e a escrita da história	20
II Sobre os exórdios.....	54
<i>Exórdio de Cornélio Nepos</i>	78
III Cornélio Nepos	82
<i>Exórdio da Conjuração de Catilina</i>	112
<i>Exórdio da Guerra de Jugurta</i>	118
IV Salústio Crispo.....	124
1. <i>A Conjuração de Catilina</i>	125
2. <i>A Guerra de Jugurta</i>	153
PERORAÇÃO.....	178
<i>Bibliografia</i>	187
<i>Sobre o Autor</i>	196

Exórdio



Michel Foucault, em sua aula inaugural no *Collège de France*, pronunciou:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico¹.

Para Roland Barthes, a retórica antiga procurava esconjurar esse medo de começar com o proêmio:

A função do proêmio é, pois, eliminar, de certo modo, o caráter arbitrário de todo começo. Por que principiar daqui e não dali? Qual a razão de cortar a palavra, o que Ponge (autor de Proèmes) denomina magma analógico bruto? Essa faca precisa de têmpera, essa anarquia precisa de um proêmio de decisão: é o prooimon. Seu papel evidente é cativar, como se começar a falar e encontrar a linguagem constituísse um risco de despertar o desconhecido, o escândalo, o monstro. Em cada um de nós existe geralmente uma solenidade terrificante para “romper” o silêncio (ou a outra linguagem)².

Meu desejo de não começar, meu medo de despertar o desconhecido fez com que eu adiasse um pouco a minha hora de romper o silêncio com o artifício das citações. E agora que chegou o momento, não sei por onde começar. Minha tarefa é das

1. M. FOUCAULT. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 6.

2. R. BARTHES. “A retórica antiga” in COHEN, Jean et alii. *Pesquisas de Retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 207.

mais difíceis porque devo exordiar um livro sobre exórdios. Vejo-me agora duplamente exposto à crítica do leitor: como quem analisa alguns exórdios de alguns autores romanos, e como quem escreve um exórdio. Mas se entre os exórdios dos autores aqui analisados o meu permanecer obscuro, eu me consolarei com a notoriedade e a grandeza dos que me ofuscarão.

Esta obra é uma tentativa de análise dos exórdios da *Conjuração de Catilina* e da *Guerra de Jugurta*, de Salústio Crispo, e do *Livro dos excelentes chefes das gentes estrangeiras*, de Cornélio Nepos, a partir das reflexões da retórica antiga a respeito dos exórdios em geral e dos exórdios das obras de *historia*³ em particular. Essa tentativa parte do pressuposto de que a comunicação entre um texto (distante do leitor no tempo e no espaço, como é o nosso caso) e seu leitor deve estabelecer-se sobre um certo conhecimento das condições que regeram a elaboração do texto⁴. Um dos elementos importantes que guiaram a escrita dos exórdios que estamos prestes a analisar são as reflexões da retórica antiga a respeito dos exórdios em geral, e mais especificamente sobre o exórdio da *historia*.

Entre os que estudaram especificamente os exórdios de obras de autores romanos de *historia* e de seus subgêneros, há quem considere que, em toda a retórica antiga, não há nenhum preceito específico para a história, sendo possível somente inferir, de alusões esparsas, aquilo que se pensava da história na época dos autores cujos exórdios veremos a seguir. Dessas alu-

3. Quando a palavra *historia* aparece em itálico e sem acento, ou com o acento deslocado, *historia*, refere-se à história como era concebida e praticada na Grécia e Roma antigas.

4. R. JAKOBSON. "A afasia como problema linguístico" in CHOMSKY, JAKOBSON et alii. *Novas perspectivas linguísticas*. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 1971. pp. 43-54

sões esparsas, afirmam, é difícil extrair uma sistematização sobre a composição da história⁵, o que se dirá da composição dos exórdios da *historia*!

A retórica permeou, durante quase todo o período helenístico-romano⁶, a produção dos discursos ordenados, escritos ou orais, que tivessem uma expressão pública⁷, o que incluía a escrita da *historia*. Talvez por isso até hoje as obras e os autores romanos de *historia*, juntamente com seus exórdios, não tenham seu lugar bem definido. Aparecem tanto em manuais de literatura latina como em obras a respeito dos historiadores e da historiografia antiga e latina, em particular.

A *historia* em Roma não era uma instituição tal qual a história hoje em dia⁸. Um historiador, hoje, tem a universidade como seu principal público⁹. Raramente escreve, em um primeiro momento, para leitores comuns, mas sim para outros historiadores que estão envolvidos com a mesma prática. Deve-se ater a certas regras, métodos e práticas para que sua obra seja reconhecida por seus pares como uma obra de história.

5. Cf. C. CORDONER Merino. *Evolución del concepto de historiografía en Roma*. Bellaterra, Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1986.

6. O que chamamos aqui de período helenístico romano corresponde ao período que vai da conquista da Grécia pelos macedônios até praticamente o fim do Império Romano. Os autores aqui abordados, portanto, pertencem todos ao período helenístico romano, assim como a retórica que aqui nos interessa.

7. Cf. A. CHIAPPETTA. *Ad animos faciendos. Comoção, fé e ficção nas Partitiones oratoriae e no De officiis de Cícero*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

8. Entre as definições possíveis de instituição, há esta de H. M. Enzenberger: "Em primeiro lugar, um grupo definível de pessoas que praticam uma profissão particular e também um grupo correspondente de clientes, tanto no sentido ativo como no sentido passivo, mais ou menos intimamente envolvido com a mesma prática. Em segundo lugar, um conjunto de regras ou rituais estabelecidos. E, em terceiro lugar, uma competência particular, e isso não significa apenas um ofício ou uma técnica, mais sim uma finalidade social, reservada a essa instituição específica por leis ou por um acordo tácito." In *Mediocridade e loucura e outros ensaios*. São Paulo: Ática, p.27.

9. É a universidade que delimita o que deve ser o saber humano, impondo-lhe divisões e classificações. Cf. R. BARTHES. "Da ciência à literatura" in R. BARTHES. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Essas regras, métodos e práticas estabelecem um certo decoro, necessário para que sua obra seja aceita como uma obra de história pelos outros historiadores¹⁰. Uma vez aceita como tal, a obra pode apresentar-se a um público mais vasto, que não está envolvido com a prática dos historiadores, como uma obra de história reconhecida por outros historiadores, com uma espécie de “certificado de garantia”.

Os autores que serão temas dos próximos capítulos deste estudo são, tradicionalmente, apresentados como autores da literatura latina. Nepos e Salústio praticavam um gênero que, se não era estabelecido e reconhecido por uma instituição como a história hoje, tinha também, poderíamos dizer, suas regras e métodos. Podemos denominar esse gênero com a expressão usada por Nepos, *genus scripturae*, que por sua vez, como veremos, estava inserido nas divisões mais gerais do discurso estabelecidas pela retórica helenístico-romana. Esses autores escreviam para um público que, passiva ou ativamente, estava mais ou menos envolvido, com o universo das *litterae*, que absolutamente não se limitava ao que hoje conhecemos por história e biografia, mas incluía muitos outros gêneros de discurso.

Um dos lugares privilegiados para vermos como se constitui o *genus scripturae* desses autores é justamente seus exórdios. Para Nepos e Salústio, o exórdio era uma das partes nas quais a retórica antiga dividia o discurso. Tinha determinadas características essenciais para cumprir a função que, segundo os preceitos retóricos, lhe cabia na totalidade do discurso.

10. ANGÉLICA CHIAPPETTA. “‘Não diferem o historiador e o poeta...’ o texto histórico como instrumento e objeto de trabalho”. In *Lingua e Literatura*, 22 (1996): pp. 15-34.

Assim, no capítulo I, trataremos da preceituação da escrita da história elaborada por Cícero, autor contemporâneo de Salústio e Nepos, que fez reflexões importantes, nos seus tratados retóricos e na carta a Luceio, a respeito da natureza e da produção do gênero *historia* em Roma. No capítulo II, trataremos das prescrições dos tratados de retórica e dos próprios exórdios dos autores de *historia* e *uitae* a respeito da escrita desses gêneros e principalmente de seus exórdios.

Pretendemos pois analisar os exórdios de Salústio e Nepos levando em conta, sobretudo, os preceitos elaborados por eles mesmos e por autores contemporâneos seus, tendo por objetivo aproximar o leitor moderno dos textos desses autores, e evitar que se estabeleça entre eles uma espécie de afasia que impeça ou distorça totalmente a comunicação entre leitor e texto. Não temos a pretensão de conseguir ler e analisar os exórdios de Cornélio Nepos e Salústio Crispo como se fôssemos seus contemporâneos, mas sim como leitores do século XXI que levam em consideração as reflexões que tanto esses autores, como outros autores do período helenístico-romano, fizeram a respeito do gênero demonstrativo e seus exórdios. Muitas análises contemporâneas e modernas também se baseiam em teorias e concepções mais ou menos antigas, mas na maioria das vezes não as explicitam. Às vezes análises contemporâneas pensam dizer algo novo, mas muitas vezes “são ditas” por concepções antigas.

Perpetrar uma análise desse tipo não nos foi fácil. O capítulo I, por exemplo, foi redigido primeiramente como uma análise que autores modernos fizeram sobre as concepções de história em Cícero, apesar de nossa intenção ser já então analisar as reflexões que o próprio Cícero fez a respeito da *historia*. Apesar da nossa intenção e disposição, resistíamos a realizar o

que nos propúnhamos, resistíamos a analisar as reflexões do próprio Cícero que temos hoje à nossa disposição, em textos estabelecidos e traduzidos em diversas línguas. Como se Cícero só pudesse nos falar pela boca dos comentadores modernos. Depois de vencer essa primeira resistência, tivemos que lutar contra a sensação de exasperação exegética que esse trabalho nos provocava. Mas o resultado, que caberá ao leitor julgar, é a tentativa de análise da concepção de *historia* em Cícero, baseada sobretudo na leitura de seus próprios textos e dos autores que lhe foram mais ou menos contemporâneos.

O capítulo II já não apresentou essas dificuldades. Na reflexão sobre o exórdio, os autores antigos não sofreram a concorrência dos modernos. O exórdio, como parte do discurso retoricamente ordenado, é parte integrante e assídua das reflexões da retórica helenística-romana, mas não é uma preocupação da ciência histórica ou da teoria da literatura modernas. Aparece sim em reflexões de autores de literatura, como Jorge Luis Borges e Ponge, que também contribuíram muito na realização deste trabalho.

Os capítulos III e IV são dedicados à análise dos exórdios de Salústio e Nepos. Também o capítulo III começou tratando pouco de Cornélio Nepos e muito sobre o que os autores modernos pensam a respeito da biografia, sobretudo A. Momigliano, B. Gentile e G. Cerri¹¹. De novo foi preciso vencer uma espécie de “vergonha ou medo dos mortos” para que pudéssemos nos concentrar nos textos do próprio Nepos e de outros autores de *bíos* ou *uita* que refletiram, sobretudo em seus exórdios, a res-

11. Cf. A. MOMIGLIANO. *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino: Einaudi, 1974. Ver também B. GENTILE. *History and biography in ancient thought*. B. Gentile and G. Cerri. Amsterdam: J. Gieben Publisher, 1988. Capítulo III – “The idea of biography.”

peito do gênero que praticavam, e nos tratados de retórica que se dedicaram a esse gênero.

Nepos aparece nos manuais de literatura latina e de historiografia antiga como autor de biografias. O gênero *bíos* ou *uita*, o que hoje chamamos biografia, é muito ilustrativo a respeito das diferenças de organização e delimitação dos discursos na Antiguidade clássica e hoje. Nos manuais de literatura latina, biografia e história não são apresentadas no mesmo capítulo. Nos nossos dias há cursos universitários de história, associações de professores e de pesquisadores em história, mas não há nem faculdades nem associações profissionais de biógrafos. Historiador para nós é uma profissão, biógrafo não. Biografia é considerada hoje um gênero literário, enquanto a história é considerada uma ciência.

Na Antiguidade clássica, cabia à biografia, isto é *bíos* ou *uitae*, uma presença maior nas escolas de retórica, era objeto de uma ordenação preceptiva mais detalhada e fazia parte de exercícios que miravam a formação retórica dos alunos. Talvez por isso alguns historiadores modernos que se dedicam à historiografia antiga, se esforcem para estabelecer, já na Grécia e na Roma antigas, a dignidade da ciência à qual se dedicam hoje opondo história à biografia¹².

O capítulo IV é dividido em duas partes, cada uma delas dedicada a uma das monografias históricas de Salústio Crispo, *A Conjuração de Catilina* e *A Guerra de Jugurta*. Essas obras de Salústio aparecem nos manuais de literatura latina no capítulo dedicado à história, apesar de seus exórdios muitas vezes não

12. Cf. A. MOMIGLIANO. *Op. cit. passim*.

serem considerados pertinentes à história¹³. O próprio Salústio não aparece em alguns livros de história da historiografia, lidos nas faculdades de História de São Paulo até hoje¹⁴. Também nesse capítulo procuramos, na medida do possível, nos ater às reflexões sobre a *historia* que aparecem no próprio Salústio e em autores que são, mais ou menos, seus contemporâneos.

Naturalmente essa escolha de privilegiar autores antigos na análise de autores antigos, insistimos, não significa que acreditamos ser possível pensar como Cícero, Nepos ou Salústio pensavam; nem exclui totalmente a contribuição, necessária, de autores modernos na nossa análise, mas abre a possibilidade de um rico diálogo entre as análises antigas e modernas a respeito dos temas aqui abordados.

Resta-nos falar um pouco a respeito das escolhas dos autores que aparecem nos títulos de três dos quatro capítulos deste livro. Cornélio Nepos e Salústio são os dois autores *historia* do século I a.C. dos quais temos exórdios¹⁵. Escreveram em um período do qual foram também protagonistas: o final da República romana. Nesse período se fazia sentir, entre a elite romana, a necessidade de se escrever uma *historia* que estivesse à altura dos autores de *historia* gregos. Um dos principais teorizadores desse *genus*, cuja ausência era sentida nas *litterae romanae*, foi

13. Cf. D. EARL. "Prologue-form in Ancient Historiography." In *Austieg und Niedergang der römischen Welt*. I (1-2): 842-856, Berlin – New York, 1973. Ver também F. HARTOG (org.). *L'histoire d'Homère à Augustin. Préfaces et textes sur l'histoire reunis et commentés par François Hartog e traduits par Michel Casevitz*. Paris: Éditions de Deuil, 1999. Nessa coletânea aparece apenas a última parte (a partir de IV.1) do exórdio da *Conjuração de Catilina*.

14. Robin George Collingwood, professor de Filosofia Metafísica em Oxford, historiador e arqueólogo ativo, escreveu um livro clássico sobre historiografia intitulado *A ideia de história* (1946) no qual não contempla Salústio entre os autores estudados, passando diretamente de Políbio a Tito Lívio e Tácito. Sobre Collingwood ver P. GARDINER. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1984, pp.302-305.

15. Outro grande autor no gênero *historia* foi Júlio César, mas seus *commentarii* não têm exórdios.

Cícero, que, apesar de não ter dedicado nenhuma obra específica à escrita da *historia*, tratou desse tema em diversas passagens de sua obra. E, como veremos, se não as reflexões de Cícero, pelo menos a preocupação que as originou, aparecem nos exórdios e nas obras de Cornélio Nepos e Salústio Crispo.

Começaremos assim pela análise das concepções a respeito da escrita da *historia* em Cícero.

Renato Ambrosio.